



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Curso de Graduação em Letras

MANUELLA SÂMELLA BORGES MUNIZ

**A HORA DA ESTRELA de Clarice Lispector: uma aproximação entre autor, narrador,
personagem
e leitor**

Brasília – DF

2015

MANUELLA SÂMELLA BORGES MUNIZ

**A HORA DA ESTRELA de Clarice Lispector: uma aproximação
entre autor, narrador, personagem
e leitor**

Monografia apresentada a Universidade de Brasília (UnB) como
requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Professora Orientadora: Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva

Brasília – DF

2015

Muniz, Manuella Sâmella Borges.

A Hora da Estrela de Clarice Lispector: uma aproximação entre autor, narrador, personagem e leitor / Manuella Sâmella Borges Muniz. – Brasília, 2015.

Monografia (Licenciatura) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras - 2015.

Professora Orientadora: Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva, Departamento de Teoria Literária e Literaturas.

Literatura Brasileira. Clarice Lispector. Relação autor – narrador – personagem – leitor.

MANUELLA SÂMELLA BORGES MUNIZ

**A HORA DA ESTRELA de Clarice Lispector: uma
aproximação entre autor, narrador, personagem
e leitor**

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Língua Portuguesa, pela Universidade de Brasília, sob a
orientação da

Professora Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva

APROVADA EM: 07 DE DEZEMBRO DE 2015.

APROVADA POR:

Profa. Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva (Orientadora)
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Universidade de Brasília

Dedico este trabalho de final de curso em primeiro lugar a Deus, à minha querida família que tanto me apoiou nos meus anos de graduação, e à minha professora orientadora Gislene Maria Barral, por sua dedicação e paciência para o desenvolvimento do meu trabalho.

Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial.

Clarice Lispector – *A hora da estrela*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo uma aproximação da autora do romance, Clarice Lispector, com o narrador-personagem Rodrigo S. M. e a personagem principal Macabéa, e abordará aspectos deles e trechos da obra que permitam essa aproximação. Para tal, foram utilizados textos, artigos e ensaios sobre *A hora da estrela*, e sobre as relações entre literatura e psicologia, sobre a ontologia no romance e também a análise da própria obra. Essa obra possui um significado complexo, mas o tema no trabalho foi exposto de maneira sucinta, estando condensada na conclusão esta aproximação. Como para a leitura da obra, é preciso estar sensível e suscetível para a leitura deste trabalho, pois se faz necessário estar atento aos detalhes para a sua compreensão total, caso contrário fugirá uma ou outra coisa, e neste caso, o leitor também se faz peça principal. “Assim é que essa história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se envola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases” (Lispector, 1999, p. 14).

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Clarice Lispector. Relação autor – narrador – personagem – leitor.

SUMÁRIO

- 1 INTRODUÇÃO
- 2 A obra *A hora da estrela*
- 3 A construção do narrador
- 4 Análise da personagem
- 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: uma aproximação entre autora, narrador, personagem e leitor

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de final de curso tem como objetivo geral a aproximação entre a autora do romance *A hora da estrela*, Clarice Lispector, o narrador-personagem Rodrigo S. M., a personagem principal, a nordestina Macabéa, e o leitor. Esta pesquisa derivou de um artigo anteriormente desenvolvido como avaliação final da disciplina Literatura Brasileira – Modernismo, cursada no 1º semestre de 2015 e ministrada pela professora Gislene Maria Barral, tendo este presente trabalho um resultado final mais concreto. Em se tratando de uma das obras mais célebres de Clarice Lispector, *A hora da estrela* – livro de pequeno porte e de grandes significados e que significa o final de uma trajetória escrita à beira da morte – contém, como diz o próprio narrador da história, Rodrigo S. M., e por trás a própria Clarice, significados que ultrapassam palavras e frases. É preciso estar sensível para a leitura de um livro desse porte. Acima de tudo, é preciso estar atento ao seu significado e suscetível para conseguir decifrar as suas sensações singulares, ou melhor dizendo, a epifania causada no leitor pelas palavras da autora, característica tão própria nas obras de Clarice.

O ano em que foi lançado o romance, 1977, coincide com o ano da morte da autora, e o que se pode perceber na própria obra são traços de uma reflexão a respeito do que a morte pode dizer sobre a vida através do turbilhão de pensamentos e agonia do próprio narrador-personagem da história. Estaria a autora prevendo a própria morte? Não se pode assegurar, mas o que se pode afirmar é que se trata de um livro inacabado, pois enquanto houver perguntas e não houver respostas, continuará sempre o final da narrativa precedido de pontos de interrogação. Tendo essa reflexão por parte da autora como ponto de partida, este trabalho consiste no destrinchamento do romance, tendo os trechos do livro a função de prova real que essas três figuras se aproximam de uma tal forma que quase se fundem em uma pessoa trazendo consigo também o leitor. Para tal tarefa árdua, foi necessária a leitura de artigos e ensaios sobre o romance, que de tão amplo significado inspira diversos temas. Também foi necessário um pequeno estudo sobre psicologia e a psicologia juntamente com a literatura, pois neste trabalho a parte psicológica fala mais alto que a parte sociológica, e até um pouco de ontologia quando se trata do Ser que transcende o concreto, e claro, a própria obra.

Para isso, este trabalho está dividido em quatro partes. A primeira parte diz respeito à obra de uma maneira geral, a autora e a obra, o narrador-personagem e a

personagem principal. Nesta parte é feita uma abordagem sobre estas três figuras, de maneira individual, buscando traços e pontos de encontro entre elas. Primeiramente Macabéa, personagem criada por Rodrigo S. M., e que representa a realidade das massas brasileira. Para o conhecimento da personagem por parte do leitor, Rodrigo S. M. descreve o dia a dia da moça, registrando os seus mais íntimos pensamentos e o seu vazio Ser. Para compreender Macabéa é preciso, em primeiro lugar, entender o seu criador. Por trás de Rodrigo S. M. está Clarice, que se esconde em uma voz masculina, motivo este que pode estar relacionado a um debate com o seu tempo, no caso, o papel da mulher no século XX, ou que, sarcasticamente, sugere que determinados assuntos devam ser reservados ao sexo masculino.

A autora começa o romance com a sua dedicatória, que contém muitas figuras a respeito da morte e da vida, e desde já se pode compreender o seu refletir através das suas palavras que vão se confirmando com as de Rodrigo S. M. no decorrer da história. As palavras de Rodrigo S. M. se confundem com as da autora por serem a confirmação do que ela diz desde a dedicatória, além de serem os dois escritores, também se encontram em estado de reflexão sobre o que a morte tem a revelar sobre a vida e nada tendo os dois a fazerem no mundo, passam a escrever.

A partir dessa consideração, pode-se inserir uma contribuição da psicologia e da psicologia na literatura. Como afirma Dante Moreira Leite,

supõe-se que a psicologia contemporânea, embora geralmente aplicada a situações mais elementares, já desenvolveu conceitos capazes de permitir uma nova perspectiva para a análise de determinados processos que ocorrem na literatura. Esses conceitos foram aplicados ao estudo do pensamento criador, do texto e do leitor. Apesar da imprecisão e da excessiva generalidade dessa análise, é possível verificar o seu saldo positivo, bem como suas limitações (Leite, 1987, p. 241).

E a partir dessa definição é que foi feita a análise do pensamento criador da autora, que revelou em seus textos os seus mais profundos pensamentos que influenciam também o leitor. E para isso é preciso fazer a análise dos fatores que contribuíram para esse processo criativo e toda a sua influência por parte da escritora para o escritor.

A segunda parte trata sobre a construção do narrador no romance, onde o próprio narrador-personagem, aos goles de vinho branco gelado, se autoafirma em diversos momentos do texto, e uma dessas afirmações diz respeito a ele ser um dos personagens mais importantes. Tudo que ele relata tem como foco ele mesmo, mesmo que tendo de se esconder por trás da sua personagem principal. É ele um narrador intruso,

interrompendo por diversas vezes a história para falar de si mesmo. Esta parte tem como objetivo mostrar quem é Rodrigo S. M., quem está por trás dele, o que significa o que ele relata e também a sua aproximação com a personagem principal, pois sem um não há o outro, e ao mesmo tempo em que constrói a sua personagem, ele constrói a si.

A terceira parte é uma descrição e também é uma análise aprofundada da personagem Macabéa, onde foi feita a observação de suas falas, do seu fluxo de pensamento e do seu significado. Nesta parte é comprovado o que se aduz sobre essa personagem desde o início, não há surpresas, nada cintilará, pois como se sabe, ela é “café frio”. Mas mesmo assim possui imenso significado, pois ela é singular no seu ser, representa a massa do povo e sobre ela estão depositadas as angústias do seu criador, Rodrigo S. M. Nesta parte também é feita uma pequena análise sobre os personagens da história que estão em torno de Macabéa e que de certa forma exercem certo tipo de influência sobre ela. Ela estava acomodada na sua miséria por não reconhecê-la, e só se dá conta dela quando lhe é revelada através das visões da cartomante. Tinha fome, tinha sonhos, mas não sabia o que a vida era, não se permitia pensar. A sua maior significação é revelada através da sua morte, pois traz para o leitor o despertar sobre a vida.

A quarta parte é a conclusão com a aproximação da autora com o narrador-personagem, com a personagem principal e com o leitor, onde há a tentativa da junção das três figuras, através das reflexões e os pensamentos profundos da autora espelhados no seu narrador-personagem e refletidos por ele através do seu turbilhão de pensamentos expressos em sua escrita criando uma personagem singular de imenso significado. E é agora que entra o leitor, extasiado pela história, traz para si, através da sua reflexão pessoal sobre a realidade, sua própria vida e seu destino, um pouco de Clarice Lispector, Rodrigo S. M. e Macabéa.

Este trabalho resultou do encantamento pela obra e seu vasto significado, e com certeza será útil para pesquisadores da área da Literatura Brasileira – Modernismo, pois se tratando de Clarice Lispector, há muito que falar, e se tratando de Clarice em *A hora da estrela*, não há assunto que se finde. Aqui estão presentes somente alguns temas (já citados anteriormente), mas que comportam em sua totalidade uma riqueza sem igual. Um trabalho árduo que dirigiu o seu olhar para um tema não usual, trazendo um pouco da psicologia para a literatura e também da ontologia.

2 A obra *A hora da estrela*

O que dizer dessa personagem única que tanto gerou polêmica em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector? Pode-se compreender que assim como Rodrigo S. M. seu criador como também o leitor sentem-se extasiados por ela. Deve-se confessar que história parecida jamais havia sido lida antes, e que *A hora da estrela*, mesmo sendo uma obra que não possui muitas páginas, encanta pelo seu rico e extenso conteúdo. A cada parágrafo, a cada frase, um assunto diferente a ser discutido, podendo deixar fugir aos olhos pequenos detalhes que compõem grandes significados. Para tentar compreender a totalidade dessa obra, é preciso uma leitura atenta e minuciosa. É um “livrinho” apaixonante. Como Vilma Arêas diz em seu texto *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*,

A Hora da Estrela significa o final de uma trajetória. Narrativa do limiar, escrita à beira da morte, configura-se como o salto mortal de Clarice, até pelo título articulando-se ao percurso sinalizado antiteticamente por *A Paixão de G.H.* e *A Via Crucis do Corpo*. Nesse pequeno e dilacerante livro é possível discernir os sinais mais explícitos de uma maneira de ser, de uma voz que os vários narradores, “na verdade Clarice Lispector”, tateiam nas cartas, nos apontamentos e nos textos literários” (ARÊAS, 2005, p. 74).

Escrito em 1977 por Clarice Lispector, um pouco antes de sua morte, *A hora da estrela* é considerado o seu romance mais surpreendente. Fugindo de sua forma usual de escrever, consegue tocar seus leitores de uma maneira singular, despertando reflexões e sensações não antes provocadas.

Macabéa, a quem seu próprio criador diz ter ficado receoso ao colocar palavras sobre ela, é uma nordestina de Alagoas, como afirma algumas vezes em suas falas. Rodrigo S. M., antes mesmo de começar a falar sobre a sua história, faz um longo discurso a respeito de sua própria vida e de suas impressões sobre a moça que viu passar na rua. Antes de compreendermos Macabéa, é preciso compreender Rodrigo S. M. Mas ainda fazendo-se compreender um pouco sobre Macabéa, João Alfredo Montenegro em seu livro *História e ontologia em A hora da estrela de Clarice Lispector*, diz que “em *A hora da estrela*, o drama-tragédia que envolve Macabéa, a nordestina ingênua e alheia à realidade, recompõe o que se passa no cotidiano dos marginalizados, representados com extraordinária força simbólica pelos nordestinos” (Montenegro, 2001, p. 21).

Por trás dele está Clarice Lispector, que se faz narrador em uma voz masculina, pois como afirma logo no início da história, “escritora mulher pode lacrimejar piegas, e essa requer um pouco de frieza” (Lispector, 1999, p.14). Regina Dalcastagnè, no seu texto *Contas a prestar: o intelectual e a massa em A hora da estrela, de Clarice Lispector*, diz que

este é o último livro de uma autora que já se tornara conhecida pelo tratamento mais intimista dado às suas protagonistas — em geral mulheres da classe média ou da burguesia. Ao criar um narrador homem, Rodrigo S. M., para contar a história de Macabéa (uma nordestina pobre e sem atrativos), Lispector começa a estabelecer o debate com seu tempo. Esse narrador é homem porque, como ele mesmo diz, “escritora mulher pode lacrimejar piegas”. Ou seja, já temos acertado — com o sarcasmo da autora — que determinados assuntos devem ser reservados ao sexo masculino (Dalcastagnè, 2007).

“Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida” (Lispector, 1999, p.12). Neste trecho, observa-se a figura da morte e da vida, mostrando o que a autora sentia no momento em que escrevia a sua última obra, publicada ainda em vida, chegando a várias conclusões quando a morte lhe parecia revelar coisas que não antes soubera, mas que somente agora lhe vem à tona. O que significou para Clarice escrever *A hora da estrela* partindo do pressuposto de que “a mais óbvia causa determinante de uma obra é o seu criador, o autor” (Wellek; Warren, 1955, p.91)?

Diante de tantas dedicações a pessoas não mais vivas – que hoje são ossos, aí de nós – que tanto contribuíram para a pessoa que a autora se tornou, à cor rubra muito escarlate de seu sangue de homem em plena idade... Dedicar o seu último romance a tantas figuras ligadas a vida, como também a morte, diz muito sobre o que a autora passava naquele momento, no seu estado de profunda reflexão sobre sua vida e o significado dela. “Estou absolutamente cansado de literatura; só a mudez me faz companhia. Se ainda escrevo é porque nada mais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte” (Lispector, 1999, p. 70). Essas palavras ditas pelo narrador da história, demonstram claramente o que a autora vem dizendo desde a dedicatória do romance, quando se encontrou num estado de reflexão sobre o que vida tinha a lhe revelar ao se encontrar perto de sua morte, e sua resposta a essas revelações da vida fora continuar a escrever. *A hora da estrela* é o resultado do êxtase dos seus mais íntimos pensamentos

em uma linguagem simples, que tem como personagem principal uma nordestina singular e um narrador-personagem escritor que se extasia por ela.

“Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer ‘realidade’”(Lispector, 1999, p. 17). Wellek e Warren trazem à tona essa ideia da fuga da realidade pelo artista através da teoria de Freud sobre a criação artística, a qual diz que

o artista é originariamente um homem que se afasta da realidade porque não consegue estabelecer um compromisso com a exigência de uma renúncia à satisfação dos sentidos, tal como esta começa por lhe ser feita, e que depois, na vida da fantasia, dá livre curso aos seus desejos eróticos e ambiciosos. Mas descobre uma via de regresso desse mundo de fantasia para a realidade (Wellek; Warren, 1955, p. 100).

Mesmo sendo esta uma fala do narrador-personagem da história, que era um escritor, sabe-se perfeitamente que por trás dele temos a autora, que significa ser a cabeça por trás de toda a criação da narrativa, ou seja, é ela que se afasta da realidade, mas acaba descobrindo uma via de regresso para o real das suas fantasias, que tem como público alvo os intelectuais. Nesse trecho do livro, observa-se o que o romance *A hora da estrela* também significa para Clarice, um desvio do olhar da intelectualidade para a massa. Nesta obra, Clarice deixou de escrever para o intelectual (para as mentes ávidas de requintes) e escreveu para o povo. Como Dante Moreira Leite afirma em seu livro *Psicologia e Literatura*, as condições externas contribuem para o processo criador do escritor:

Se desejamos pensar nas condições mais amplas em que se desenvolve o processo criador, é possível começar pela realidade social, dentro da qual se dá. Essa realidade apresenta vários aspectos, e talvez seja útil reuni-los em torno dos seguintes títulos: quadro de referência da época; a condição do artista; a reação ao trabalho artístico (Leite, 1987, p. 46).

Esses aspectos atuam em conjunto, mas pode-se percebê-los separadamente na obra. Há a condição interna da autora naquele momento (estava próxima de sua morte), o debate com o seu tempo ou o quadro de referência da época (o significado da mulher na sociedade brasileira do século XX), a realidade do povo brasileiro, e a reação ao seu trabalho artístico pelo público leitor, ou seja, há uma relação evidente entre os conceitos psicológicos e sociológicos no romance. Neste caso, até mais psicológicos do que

sociológicos, e como defende René Wellek e Austin Warren em seu texto sobre *Literatura e Psicologia* no livro *Teoria da Literatura*,

Por “psicologia da literatura” podemos querer significar ou o estudo psicológico do escritor como tipo e como indivíduo, ou o estudo do processo da criação, ou ainda o estudo dos tipos e das leis que estão presentes adentro de obras literárias, ou, finalmente, os efeitos da literatura sobre os leitores (Wellek; Warren, 1955, p. 99).

Em *A hora da estrela*, a compreensão da relação entre literatura e psicologia é fator primordial para que se possa entender mais a autora, sobretudo em relação à motivação do momento em que escrevia o seu romance, ou seja, as suas condições emocionais, e o que ela relata na obra, evidentemente refletidos em Rodrigo S. M. e Macabéa. Neste caso seria a sua análise psicológica como indivíduo e como fator preponderante para o estudo do seu processo de criação resultante em uma das suas obras mais célebres, podendo a psicologia, evidentemente, lançar luz sobre o processo criador. Destarte “qualquer estudo moderno do processo da criação se ocupará principalmente do papel relativo desempenhado pelo inconsciente e pelo consciente” (Wellek; Warren, 1955, p. 108). “Portanto, não só a psicologia esclarece a literatura; também as criações literárias podem auxiliar nossa compreensão dos fenômenos psicológicos” (Leite, 1987, p. 126). Leite afirma também que

mais importante é o problema de sua relação, como participante ou observador, com vários grupos da população. Na verdade, se um grupo não tem oportunidade de exprimir suas experiências emocionais, ou intelectuais, e se está isolado dos grupos letrados da sociedade, pode estar fora da amplitude de observação do artista (Leite, 1987, p. 114).

Mesmo sabendo que sua obra poderia ser interpretada de maneira errônea, sem temer à recepção, não se abstém em colocar no papel as suas íntimas reflexões quando desviou o seu olhar para a realidade e a massa, resultando em *Macabéa*. E contendo as suas diversas interpretações, “de outro lado, quando introduzimos uma perspectiva de análise ou explicação, limitamos o impacto total de determinada obra literária” (Leite, 1987, p. 116). Neste caso, não se deve traçar um limite para a análise e explicação do romance, pois seu significado ultrapassa o contexto das palavras, e aqui está o seu maior impacto:

Embora ainda não exista uma explicação adequada para este processo, parece correto dizer que toda obra literária autêntica apresenta estímulos ambíguos, isto é, que podem ser interpretados ou percebidos de várias formas.

Até certo ponto, quanto mais significativa uma obra literária, maior a sua ambiguidade. Isso significa que nunca chegaremos a conseguir uma interpretação definitiva de uma obra literária, pois sempre será possível percebê-la ou organizá-la de outra forma, e cada uma das percepções parece, em determinado momento, perfeitamente adequada ao texto” (Leite, 1987, p. 219).

Apesar desse desvio de olhar, é um intelectual que fala, é um narrador (por trás, Clarice) que grita pelos que não sabem gritar. Transgredir os próprios limites significou voltar o olhar para a realidade que estava à sua volta. “E pelo menos o que escrevo não pede favor a ninguém e não implora socorro: aguenta-se na sua chamada dor com uma dignidade de barão” (Lispector, 1999, p. 17), pois como a sua personagem vivia no seu limbo impessoal, acomodada com o que chamava ser sua própria vida, nada falava. Pode-se interpretar que não sentia dor por viver na sua inocente ignorância. É esta também a realidade da massa, estando a sua grande maioria acomodada na sua própria ignorância, pois mais fácil é viver ignorante entendendo isto como uma bênção, não se dando conta da própria miséria e injustiça, do que sentir dor. Mas como disse Sócrates, existe apenas um bem, o saber, e apenas um mal, a ignorância. Sendo o intelectual detentor desse bem, e a massa detentora desse mal, a responsabilidade maior é transferida para o intelectual, falar por aqueles que não sabem falar, gritar por aqueles que não sabem gritar, pois se há direito ao grito, ele grita, e no caso de Rodrigo S. M., através de palavras simples escritas, um grito puro.

O título *A hora da estrela* foi precedido de outros treze títulos, e cada um deles caberia perfeitamente no contexto da história. De acordo com o que Rodrigo S. M. diz logo quando inicia a narração de sua história exterior e explícita, mesmo contendo segredos, começa por um dos títulos: “Quanto ao futuro”, que logo remete e atíça a curiosidade do leitor a respeito do que isso quer dizer. O narrador afirma que esse título vem posposto de dois pontos finais que deixariam claro quanto à certeza de não saber o que o futuro prepara para a personagem nordestina desse romance. Mesmo lançando mão à curiosidade do leitor em relação ao desfecho do romance logo no início, ao saber do final o leitor automaticamente substitui os dois pontos finais por dois pontos de interrogação, trazendo para o seu próprio ser um pouco da autora, do escritor Rodrigo S. M. e Macabéa. Afinal, é esse um dos objetivos das obras de Clarice, despertar a íntima reflexão de seus leitores, e nesse caso “Quanto ao futuro” se voltaria para a vida do

leitor – entendendo-se a necessidade dos delimitados pontos – com a seguinte questão: “E quanto ao meu futuro..(??)”

Afirma o narrador da história que tem o direito de ser dolorosamente frio porque não se trata apenas de uma simples narrativa, mas antes de tudo se refere a uma vida que, mesmo sendo rasa, é criatura, e seu dever como criador é revelar-lhe a vida, e sem querer (ou até querendo) seu dever como narrador é despertar a reflexão no leitor, repercutindo a respeito de si mesmo, fazendo o leitor voltar o seu olhar para a sua própria vida, ou seja, é o revelar da vida da personagem, ao mesmo tempo que é o revelar da vida do leitor, para si mesmo e à sua volta.

Outro título a que o narrador faz referência durante a história é o “Direito ao grito”, mas não é a personagem nordestina que tem direito ao grito, mas sim Rodrigo S. M., que grita em silêncio a história de sua personagem: “Porque há direito ao grito. Então eu grito” (Lispector, 1999, p. 13). O que logo faz referência a outro título, “Ela não sabe gritar”, sendo tarefa do intelectual falar pelo povo, e essa posição nesse momento pertence ao narrador da história, que grita puro ao escrever, sem pedir esmola em suas palavras: “Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia” (Lispector, 1999, p. 30).

No caso de Rodrigo S. M., ele se sente incomodado por não poder fazer nada diante da situação da realidade à sua volta (tendo como referência a vida de Macabéa), então ele escreve por não ter mais o que fazer no mundo. Para ele, gritar pelos que não sabem gritar já é alguma coisa, então ele deixa registrada a sua história através de suas palavras. Ele cria Macabéa, que antes mesmo de ser criada já existia, para sutilmente mostrar para o povo o que eles não enxergam, pois não há mais nada que o intelectual possa fazer pela massa do que falar por ela, escrever sobre ela: “Através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo” (Lispector, 1999, p. 33). Então, após registrar o fato, confessa: “Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos” (Lispector, 1999, p. 21). Sendo esta frase um dos outros treze títulos do romance, o narrador bem a utiliza para finalmente expressar o sentimento que estava sentindo, de escrever sobre o que estava à sua volta, uma narrativa explícita e exterior, e ao deixá-la registrada, sai pela porta dos fundos por não ter mais nada o que fazer. “A culpa é minha”, é mais um dos treze títulos, aparece logo à frente depois de o narrador afirmar que não há mais nada que ele possa fazer no mundo, “Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de

concreto em benefício da moça” (Lispector, 1999, p. 23) se refere a toda situação ao seu redor.

Mas se realmente ele pudesse fazer algo por sua personagem, o que poderia fazer, já que a história existia antes mesmo de ser inventada? Ou seria, neste caso, Clarice se sentindo culpada pelo fato de que só agora resolvera atentar e escrever sobre a situação dos não intelectuais? Mesmo tendo a autora escolhido como título do romance *A hora da estrela*, o que logo faz vir à mente diversas interpretações, seu narrador logo afirma que o leitor não deve esperar estrelas no decorrer da narração, e que nada cintilará, o título realmente só será compreendido no final.

“Para que tanto Deus. Por que não um pouco para os homens” (Lispector, 1999, p. 27). Neste trecho, pode-se destacar uma crítica da autora em relação à concentração de bens e riquezas no Brasil (e principalmente no mundo) pela instituição Igreja, que por muito tempo foi detentora dos recursos do povo e do poder. Entende-se perfeitamente a crítica feita pela autora através de seu narrador no caso de que por muito tempo (pode-se dizer até os dias atuais) homens se aproveitavam da ignorância dos menos afortunados para que dessa forma pudessem tirar proveito deles, tomando o pouco que lhes pertenciam, usando Deus como argumento e acima de tudo. Nesse mesmo trecho, pode-se depreender que a miséria do povo é a riqueza da nobreza, pessoas que se acham no direito de serem deuses, colocando-se no centro do mundo e fechando os olhos para o que está à sua volta, concentrando toda a sua riqueza no poderio deles mesmos para eles mesmos. Para que tanto Deus, ou tantos deuses se nada sobra para os pobres homens? Resta-lhes somente a fé juntamente com a graça, e é assim porque é assim. E Macabéia, por ter nascido de maus antecedentes (pobre criatura, obteve a herança do sertão, e mesmo assim acreditava que as boas maneiras são a melhor herança), parecia “uma filha de um não-sei-o-quê” (Lispector, 1999, p. 27). Não se pode sentir raiva por ela ser dessa forma, já nascera sem escolha alguma, sem culpa. E seu criador, inconformado, entra em conflito interno diante da situação da moça, “Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça” (Lispector, 1999, p. 26).

Estabelecendo um debate com o seu tempo, este trecho do livro “Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (Lispector, 1999, p. 14) traz a preocupação do narrador em tirar crédito por ser homem, pois Clarice sabia que na época em que vivia a voz da mulher não era ouvida, fazendo-se necessário ser homem. Mas finalmente, o que todos sabem é que por trás da voz de

Rodrigo S. M. está a voz de Clarice Lispector, que em meio a tantos escritores homens, era uma mulher escrevendo uma história chocante, e no lugar de chorar piegas, gritou para o povo, de uma forma sutil que é uma das características das suas obras, a realidade da massa brasileira, onde

de sorte que um país de largos espaços subdesenvolvidos, apresentando uma numerosa população de excluídos, inclina-se fortemente para o esquecimento de Ser. E tende a produzir índices elevados de violência, de desagregação social, valores de escassa rentabilidade social, uma cultura elitista em contraposição a uma cultura desprovida de referenciais seguros, tornando a existência humana um círculo vicioso de horrores, alimentando um cotidiano de sofrimentos de toda sorte (Montenegro, 2001, p. 22).

Rodrigo S. M., num determinado momento da narração, diz não ser ele um intelectual, pois escreve com o corpo, e que iria se sensibilizar com essa história, porque ele sabe que cada dia é um dia roubado da morte. Pode ele dizer que não é um intelectual, mas o leitor sabe que isso não passa de pura ironia, pois a sua intelectualidade se revela a cada contexto de suas palavras escritas. Este comentário do narrador pode ser diretamente ligado ao que Clarice passava escrevendo seu romance, dia a dia se aproximando mais da sua morte. A verdade é que criar *Macabéa* foi ao mesmo tempo o despertar da sensibilidade na vida da autora, ou foi a sensibilidade que estava presente na autora naquele momento que inspirou a criação da sua personagem mais célebre? Eis aqui mais uma pergunta sem resposta.

Escrito em uma linguagem simples, logo no início do romance seu narrador afirma que sua linguagem não contém enfeites, pois o material de que dispõe é parco e singelo demais, como sua personagem, que não tem nada demais. E seu material básico é a palavra, tornando a história um trabalho de carpintaria. Apesar de toda a simplicidade de sua linguagem, o verdadeiro significado dessa obra, que contém um sentido secreto e ultrapassa suas palavras e frases, é algo muito mais profundo que isso, é preciso estar sensível à leitura para entender o que a autora quer passar para o leitor, como afirma Montenegro

uma “história que será feita de palavras” deixa aberta uma narrativa em construção, uma futuridade, uma prospectiva. História que se vai tecendo ao longo de um caminho sinuoso em que a revelação ofertada pela palavra não é propriamente unificada numa linearidade

mecânica, mas irrompe como um jato de luz a desvelar momentos de densidade ontológica (Montenegro, 2001, p. 99).

A linguagem em *A hora da estrela*, por mais simples que seja, é carregada de um profundo e delicado significado, tão presente nas obras de Clarice. Cada palavra, ou junção de palavras, como diz Rodrigo S. M. “proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigado a usar palavras que vos sustentam” (Lispector, 1999, p. 12) levam o leitor para um lugar desconhecido dentro de si mesmo. Dessa forma, as obras de Clarice Lispector são um despertar do íntimo desconhecido de cada um: “Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos” (Lispector, 1999, p. 12).

Rodrigo S. M. sente a necessidade de se engrandecer, limitando-se a humildade quando afirma conhecer adjetivos esplendorosos, diz que a necessidade de utilizar palavras simples concorda com o que é a sua personagem, uma jovem humilde, uma nordestina, que escrevia mal e era ignorante: “Tenho então que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência. Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde – limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela” (Lispector, 1999, p. 15). Caso fosse ao contrário, a história perderia a sua delicada essência: “Mas não vou enfeitar a palavra pois se eu tocar no pão da moça esse pão se tornará em ouro – e a jovem não poderia mordê-lo” (Lispector, 1999, p. 15). Percebe-se que a palavra é algo muito importante para Rodrigo S. M., a todo o momento ele traz essa ideia à tona, como se precisasse convencer o leitor que o que ele está afirmando é uma verdade. E mesmo dizendo que se apropria de palavras simples para contar a história de uma pessoa simples, aduz que “o livro é feito sem palavras, é ele uma fotografia muda, um silêncio, uma pergunta” (Lispector, 1999, p. 17).

Temos em *A hora da estrela*, um narrador que se autoafirma escritor, “conhecedor de adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação” (Lispector, 1999, p. 15), que usa uma linguagem simples, singela, para descrever uma história simples, porém complexa. “Sendo assim, Rodrigo S. M., tão refinado em seus conhecimentos e seus gostos, tem urgência em se distinguir de sua criatura. É que, como já foi colocado, ao mesmo tempo em que narra Macabéia, ele constrói a si” (Dalcastagnè, 2007). Forjando a sua identidade

enquanto intelectual, faz de sua criatura “massa”, para que assim pudesse se sentir superior, e tendo sua força na solidão, escreve por não ter nada a fazer no mundo. Ao criar Macabéa, consegue depositar na sua história, até antes mesmo de começá-la, suas angústias de um escritor homem, e como se requer para este tipo de história, também um pouco de frieza.

3 A construção do narrador

A história em *A hora da estrela* conta com cerca de sete personagens, sendo o próprio narrador criador e narrador-personagem do romance que se autoafirma ser um dos personagens mais importantes. Não é preciso ouvir isso de Rodrigo S. M. para ter a certeza de que ele é um, senão o personagem/ a figura mais importante na última obra de Clarice, pois mesmo que ele tente focar em sua criatura/ personagem, é evidente que tudo o que relata, tendo como foco Macabéa, diz respeito a ele mesmo. No decorrer da história há a interrupção do narrador para falar de si mesmo durante os seus momentos de reflexão, demonstrando as suas crises existencialistas, externalizando suas fraquezas que são visivelmente depositadas na sua personagem.

É o próprio narrador do romance desconhecido de si, como também é sua criatura que não se conhece senão através de ir vivendo à toa, descobre que tem um destino, e sua personagem só descobre que tem um destino no final da narrativa. Ele se indaga sobre o que ele é, mas sua personagem não ousa sequer pensar. Diz que desconfia que toda conversa e toda essa volta tem por objetivo adiar a pobreza da história que está por vir. Quando afirma que antes de ter surgido a nordestina em sua vida, era ele um pouco contente apesar do mau êxito na sua literatura, deixa explícita a sua infelicidade e o seu fracasso quanto escritor. Macabéa certamente deixou-o abalado, fazendo com que o pensamento do narrador se desviasse completamente para ela, para a sua situação: “Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um rufar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos introcamos” (Lispector, 1999, p. 22).

Uma primeira semelhança que se pode perceber entre o narrador e a personagem principal é quando Rodrigo S. M. conta que nas ruas do Rio de Janeiro ele pega no ar, de relance, o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Uma primeira indagação que se pode fazer diz respeito ao narrador-personagem afirmar que aquela moça que ele viu na rua é nordestina e, para confirmar sua hipótese, fugindo um pouco da sua condição de narrador onisciente (que tudo sabe), confessa que quando menino também se criou no Nordeste, e por causa dessa sua vivência talvez tenha se acostumado aos rostos que refletiam sentimento de perdição das pessoas de lá. Como semelhança entre os três, a própria autora do romance quando menina também se criou no Nordeste. Portanto, não fora difícil para Clarice criar uma nordestina e também para

Rodrigo S. M. reconhecer o rosto de uma nas ruas do Rio de Janeiro, como afirma Montenegro,

nota-se que Clarice encaminha a narrativa na busca incessante da essência das coisas, da imagem do Ser a se descobrir no rosto das pessoas e basta captar os sinais de um rosto para dele retirar uma história de vida, os elementos primaciais de uma cultura. Principalmente as de cultura ‘nordestina’, trôpega e angustiada (Montenegro, 2001, p. 22).

Como dito na dedicatória por Clarice, sabe-se da estrutura do átomo mesmo não o vendo, dessa maneira Rodrigo S. M. sabe da existência de sua criatura. Mesmo não a vendo, tem conhecimento dela, sabendo de muita coisa que nem ao menos chegou a ver. Como a autora afirma na dedicatória, “não se pode dar uma prova da existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar” (Lispector, 1999); da mesma forma, o narrador da história não prova a existência de sua personagem, mas acredita nela tornando-a verdadeira e única, afirmando que “se esta história não existe, passará a existir” (Lispector, 1999, p. 11). Existindo, pois, Clarice, Rodrigo S. M. e Macabéa, a história passa a ser verdadeira, mesmo se tratando de um livro inacabado, como aduz a autora na sua dedicatória, porque lhe falta a devida resposta, trazendo para o leitor a difícil missão de encontrar a resolução para tal questão.

Antes do fim da dedicatória, entre um turbilhão de pensamentos, a autora fala da meditação que pode ter como fim ela mesma. Logo à frente, ela afirma que medita sem palavras e sobre o nada, e depois conclui que o que lhe atrapalha a vida é escrever. Nesse momento, percebe-se uma das semelhanças entre a autora e o narrador, pois logo no início da história, quando Rodrigo S. M. introduz as suas primeiras palavras, ele diz que “enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever” (Lispector, 1999, p. 11). A semelhança diz respeito ao livro ser inacabado porque lhe falta a devida resposta, pois o que atrapalha a vida da autora é escrever, escrever mesmo que sem resposta um livro inacabado, tendo como foco um narrador-personagem que sofre do mesmo mal, procurar respostas e continuar escrevendo. Da mesma forma que a autora fala de sangue na dedicatória do livro, Rodrigo S. M. lançando palavras para aguçar a curiosidade do leitor a respeito da narrativa que está por vir, dizendo que “de onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geleia trêmula. Será essa história um dia o meu coágulo?” (Lispector, 1999, p.12) deixa em ponto de interrogação uma pergunta sem resposta, ligando o destino da história à sua própria vida.

Enquanto o narrador e a autora tiverem perguntas e não houver respostas, continuarão a escrever, igualmente será o leitor, extasiado, com o não cessar em pensar nas respostas para essas perguntas. Tais perguntas levam o leitor ao seu estado de profunda reflexão sobre o que é e o que está por vir logo adiante, se envolvendo em um estado de epifania causado pelas palavras da autora em sua linguagem reflexiva: “Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita” (Lispector, 1999, p. 12).

Como o próprio narrador do romance diz “pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. Deus é o mundo” (Lispector, 1999, p. 11). Assim como Deus é o criador de suas criaturas, os seres humanos conscientes de seu criador são o mundo ao mesmo tempo em que eles também são Deus, assim como Rodrigo S. M. cria sua personagem e tem consciência dela, é ele criador e Macabéa criatura, sendo ele o que escreve e o que cria, tornando-se ele mesmo sua própria criatura, estabelecendo como que uma relação solidária entre ambos; Ele escreve seu próprio mundo, pois a verdade é sempre um contato interior inexplicável. Como afirma o próprio narrador da história, Rodrigo S. M., ou seja, Clarice. “Então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente – é a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade” (Lispector, 1999, p. 11). Deus carrega o mundo e suas criaturas, Clarice carregava Rodrigo S. M., que carregava Macabéa.

O narrador também dá indícios de que era religioso, ou que pelo menos acreditava em Deus, quando ao esfregar as mãos para criar coragem, lembra-se do tempo em que rezava para esquentar o espírito, pois como afirma, o movimento é espírito, e enquanto rezava, atingia-se a si mesmo, tentando tapar seu vazio, pois “esse oco é o tudo que posso eu jamais ter. Mais do que isso, nada.” (Lispector, 1999, p. 14). Como diz Montenegro, “a ‘reza’, nessas condições, tende para a transparência do ‘oco da alma’, lugar de repouso, de encontro do homem consigo próprio, com o outro” (Montenegro, 2001, p. 57). E para tapar seu vazio, ele escreve sobre ela, que agora está a aquecer o seu espírito, e que mesmo implicitamente o inunda por dentro, fazendo com que ele a coloque para fora, expondo sua história para o leitor, “e também porque se houver algum leitor para essa história quero que ele se embeba da jovem assim como um pano de chão todo encharcado” (Lispector, 1999, p. 39) – Rodrigo S. M. inundado por sua personagem faz de tudo, em cada palavra, para que também o leitor – se houver algum leitor, mas é claro que há – se encha dela. E mesmo ele estando cheio dela,

procura incessantemente por algum traço ou vestígio de vivacidade da moça, porém nada encontra, só um oco vazio, sendo ele também possuidor do mesmo vazio.

O que se sabe sobre Rodrigo S. M. é o que ele mesmo relata ao longo da história e a sua necessidade de se autoafirmar. Logo de início declara que a personagem que ele relata não faz falta a ninguém, descobrindo ao mesmo tempo em que ele também não faz falta a ninguém, deixando claro a sua solidão no mundo como escritor, narrador-personagem e criador, pois como Dalcastagnè diz, ao mesmo tempo em que Rodrigo S. M. constrói a sua personagem, constrói a si mesmo, e ele faz isso o tempo todo no decorrer da narrativa. Tentando descobrir os porquês, Rodrigo S. M. escreve na mesma hora em que é lido, registrando o seu mais verdadeiro e irreconhecível, dando luz aos seus anseios e angústias, dá vida à sua personagem que antes mesmo de ser criada já existia.

Logo à frente ele pede desculpas por continuar a falar de si, que é seu próprio desconhecido, e que ao escrever se surpreende um pouco, pois descobriu que tem um destino, assim como sua criatura também o descobre no final da história.

“Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isso é ser uma pessoa?” (Lispector, 1999, p. 15). Apesar das semelhanças entre os dois, diferente de Macabéa, Rodrigo S. M. tem essa sensibilidade de poder reconhecer as coisas, como descobrir que tem um próprio destino sem ter de precisar ouvir isso de uma cartomante. Ao afirmar que é desconhecido de si mesmo, o narrador demonstra uma fraqueza. Dalcastagnè diz que o narrador

usa a miséria de sua protagonista (que se torna ainda mais lastimável sob sua escrita) para não parecer, ele mesmo, tão miserável. É claro que essa suspeição não existe por si só, ela vai sendo construída *junto* e *no* discurso de Rodrigo. Ele é quem se denuncia, quem chama a atenção do leitor para suas contradições, seus temores. Ao lhe dar a fala, Lispector o incumbiu também de ser humano: forte o suficiente para esmagar o outro, fraco o bastante para deixar cair a própria máscara (ou seria o contrário?) (Dalcastagnè, 2007).

Porém, mesmo mascarando a sua miséria de pessoa e de espírito, ousar pensar e saber distinguir se é ele um monstro ou uma pessoa é uma virtude. Diferente de Macabéa, que não ousava sequer pensar, não se olhava no espelho nua por vergonha. Aceitar as coisas como eram era muito mais fácil, e Rodrigo S. M. não parava de ousar em pensar, principalmente no “monstro” que criara (figura esta que sempre esteve

presente em seu interior, mas como é ele desconhecido de si mesmo, não sabia que se encontrava escondida em si).

Ele afirma durante a narrativa que se dá melhor com os animais do que com gente, assim também sua criatura, que na verdade não se dava com ninguém. Estremecia ao pensar na morte, assim também ela, que achava que nunca ia morrer.

“Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim” (Lispector, 1999, p. 18). Ele se reduziu a si ao longo do tempo, ela já estava reduzida, era o produto do seu fracasso. E diz que o que vai escrever de certa forma já está escrito nele, e que tem de se copiar com uma delicadeza de borboleta branca. Como diz Daniela Spinelli em seu texto *A posição do narrador, Rodrigo S. M., em A hora da estrela de Clarice Lispector*,

a existência de Macabéa é insuportável para Rodrigo S. M. e isso Clarice demonstra, com maestria. Enquanto bebe vinho branco e delicia-se com as frutas que realçam o sabor da bebida, Rodrigo S.M. vilipendia a retirante nordestina. O afeto, por isso, não se encontra na relação do narrador com a personagem, mas, sim, no cuidado da escritora com a vida que pretende representar (Spinelli, 2008, p. 8).

Para Rodrigo S. M., essa história é um desabafo, e quando pensa que podia ter nascido ela, estremece. Porém, Macabéa era o pedaço de Rodrigo que tinha medo de não viver, de não pensar, de sofrer até sem dor. Mas acredita-se que não há castigo maior do que a ignorância, e que há muito mais de Macabéa em Rodrigo S. M. do que se podia imaginar.

4 Análise da personagem

É ela a criação do seu narrador. Macabéia, nordestina, raquítica, pálida, perdeu os pais logo quando criança, nunca soube seus nomes. Fora criada pela tia beata, seu único parente no mundo. Foi para o Rio de Janeiro, onde sua tia havia lhe arranjado um emprego de datilógrafa. Pensava que nunca ia morrer, mesmo após a morte de seus pais e de sua tia. Não tinha consciência da vida miserável que levava, e mesmo assim era feliz porque as pessoas tinham de ser felizes. Viviam num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor; como afirmou seu criador, o seu viver era ralo. Macabéia não tinha imagem de si, não achava que era gente, não se refletia. Rodrigo S. M. diz que ela se daria melhor fazendo trabalhos manuais do que intelectuais, seus saberes eram as suas necessidades humanas (sabia que tinha de comer para matar sua fome). Ninguém lhe reparava, era “café frio”. Só queria viver, sem objetivos.

Macabéia, criação de Rodrigo S. M. (por trás, Clarice), é humilde, doce, aceita com obediência o que os outros proferem a ela, nada argumenta a seu favor, só acata o que lhe é imposto, “mas a tia lhe ensinara que comer ovo fazia mal para o fígado. Sendo assim, obedientemente adoecia, sentindo dores do lado esquerdo oposto ao fígado” (Lispector, 1999, p. 34). Amarela por parecer não haver sangue nas veias “talvez porque sangue é a coisa secreta de cada um, a tragédia vivificante” (Lispector, 1999, p. 71) – como não parece também haver lhe vida – ombros curvos, não sabia que era infeliz, “essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz.” (Lispector, 1999, p. 27). Rodrigo S. M. afirma que quanto menos a moça reclama, mais ele fica incomodado com sua capacidade de aceitação de sua condição por não ter conhecimento de algo melhor, por literalmente não saber o que é que a vida significa, mas nunca perdera a fé.

O que falar sobre sua tia? Talvez a única coisa boa que tenha feito para sua sobrinha fora ensiná-la a datilografar. Pode-se saber mais sobre ela através de suas atitudes relatadas ao longo da história, do que somente com as coisas que Rodrigo S. M. nos diz. Beata, criou Macabéia após a morte de seus pais. É possível afirmar que sua tia é digna de pena, e que não se deve sentir raiva dela, pois a criou. Através de suas atitudes a vemos mais ignorante do que a sobrinha, e por ser assim, não se acredita que algo melhor poderia ter feito pela jovem. A princípio, era o único elo de Macabéia com o mundo, e deixou como herança o que ela jamais compreendera (sua beatice), embora

sentia dentro de si que não era o que queria para sua vida. Sendo assim, não seguiu os passos de sua tia, seguiu somente em ser, o “ser” que ela pensava ter consciência, o que não lhe era estranho.

Macabéa sentia fome, e de vida, mas vida ela tinha e sentia fome de outras coisas também, tinha sua vida interior sem mesmo saber que a possuía. Ao ler um anúncio de um creme, que lhe parecia tão delicioso para ser verdade, pensava que se tivesse dinheiro para comprá-lo, comê-lo-ia às colheradas, pois lhe faltava gordura no organismo, “estava seco que nem saco meio vazio de torrada esfarelada” (Lispector, 1999, p. 38). Ia ao cinema às vezes, e uma das suas poucas diversões era ouvir a rádio relógio que dava a hora certa e cultura, preenchendo os espaços com curtos ensinamentos que a personagem julgava um dia precisar. Contentava-se com o pouco que tinha, até com o pouco que as pessoas eram para ela. Quase não tinha amigos, nem simplesmente pessoas na sua vida, e para ela estava bom. Quando conheceu Olímpico, pensou logo que ele fosse alguém especial, quando na verdade o leitor sabe que ele não passava de um pilantra: “ele não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo” (Lispector, 1999, p. 47), mas ela estava satisfeita e cegamente feliz.

Quando procurava algum assunto para cobrir o silêncio entre os dois, encontrava vazios conteúdos que estavam em sua cabeça, pois o seu saber é supérfluo, e “fingia enorme curiosidade escondendo dele que ela nunca entendia tudo muito bem e que isso era assim mesmo” (Lispector, 1999, p. 44), e o seu saber supérfluo combina com a sua vida rasa: “Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?” (Lispector, 1999, p. 44), e as poucas conversas entre os dois versavam sobre “farinha, carne-de-sol, carne-seca, rapadura e melado” (Lispector, 1999, p. 47). E Olímpico não demonstrava satisfação em namorar com ela, e quando pôs fim ao namoro, ela não sentiu tristeza, pois era um luxo que não podia possuir. Pensar era difícil para ela, não sabia como fazer isso. Como era obediente, inocente, aceitava a culpa de tudo que jogassem sobre ela, como quando Olímpico a culpou de fazer chover, pois nos seus três primeiros encontros havia chovido, ela respondeu obedientemente: “Desculpe” (Lispector, 1999, p. 44), como se realmente tivesse sido culpa dela estar chovendo.

Olímpico foi por um tempo a conexão de Macabéa com o mundo, era bom ter alguém para chamar de namorado. “O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam” (Lispector, 1999, p. 43), e a moça o tornou imediatamente a sua “goiabada com queijo”. Olímpico não é o que se pode dizer, um exemplo de pessoa, e muito menos um exemplo

de namorado. Assim que a conhece, ao saber seu nome, logo se desfaz da moça, dizendo que seu nome parece doença de pele. Ele desde o primeiro momento finge ser uma pessoa que não é, como quando acrescenta o Moreira Chaves ao seu nome, quando na verdade se chama somente Olímpico de Jesus (sobrenome de quem não era registrado pelo pai). E assim, vivia da forma que aprendeu com o padrasto, com o único objetivo de se aproveitar das pessoas. Desde o início finge ser entendido das coisas, como quando Macabéia pergunta a respeito de seu nome, logo ele responde que sabe, mas que não quer dizer. E também quando ela pergunta o que é eletrônico, ele responde dizendo a mesma coisa, que sabe o que é, mas que não quer dizer, e quando ele é questionado sobre o que seria cultura, responde com a mesma pergunta: “cultura é cultura”.

Ele, cheio de uma grandeza demoníaca, dizia que um dia seria muito rico. Tentava parecer que pertencia a uma classe social a qual não pertencia, por puro prazer de alcançar um *status* social, o que lhe rendeu salários para o implante de um dente de ouro. Fazia-se de durão, “cabra safado”, tinha orgulho de já ter matado, mas por trás dessa máscara era sensível, um artista nas horas vagas, um escultor (na maioria das vezes esculpia figuras de santos). Era cheio de si, ladrão, se fazia de inteligente, mas a sua falta de conhecimento se comparava com o de Macabéia. Tinha fome de ser o outro. Apesar disso tudo, ela o admirava. Olímpico poderia ter feito algo pela jovem, poderia ter lhe mostrado, ou ensinado outras coisas, mas na realidade não se importava com ninguém que não fosse a si próprio. Sempre se desfaz da moça, e o seu único bom gesto foi um dia ter pagado para ela um pingado. Como se não bastasse, trocou-a pela amiga de trabalho, Glória.

Glória, carioca, tinha em seu sangue vinho português e raízes africanas. Oxigenava os pelos, escondia quem era. E Macabéia a admirava, pensava que ela fosse um estardalhaço de existir porque era gorda, e a gordura sempre fora seu ideal secreto, tinha em segredo uma certa inveja da colega. Ela tinha por Macabéia um vago senso de maternidade, se preocupava com a nordestina, e mesmo apesar de ter ficado com o namorado dela, Glória passou a ser a sua conexão com o mundo, e foi ela quem aconselhou Macabéia a se consultar com a cartomante.

Madama Carlota foi alguém que, por sua afetividade para com Macabéia, ganhou de imediato sua confiança. Como o próprio narrador descreve Carlota, um bonecão de louça meio quebrado, com as faces pintadas. Vemos nela uma personagem que tenta esconder e disfarçar suas cicatrizes do passado. Reconhece-se como uma pessoa do bem

ao dizer que a entidade que anda ao seu lado está ao mesmo tempo ao lado de Jesus. Usava Jesus para justificar suas atitudes. Se autoafirma não mentirosa, e através de seus argumentos consegue ganhar a jovem. Madama Carlota foi o seu único elo com o destino. Foi a única que lhe concedeu uma graça para viver, foi a única pessoa que a encorajou a viver de cabeça erguida sua vida miserável, pois lhe deu esperança. Madama Carlota lhe previu um futuro falso, e foi aí que a jovem se deu conta de que sua vida era infeliz. Saber disso foi obter coragem para dar a volta por cima, foi seu despertar para uma nova vida, uma vida mudada por palavras. Madama Carlota lhe deu uma “sentença de vida”.

Seu criador a fez dessa forma, oca, e mesmo sendo ela criatura, Macabéa não tem alguma consciência do seu criador, porém Rodrigo S. M. tem plena consciência de sua criação e de cada mísero detalhe. Relata que a personagem ao se deitar, seus pensamentos eram o de comer coxa de vaca, e como não podia, comia papel para passar a vontade. Uma vez ousou pensar, ousou refletir, se assustou, logo não quis mais pensar nisso. Sendo ela tão calada, logo vem a pergunta: que se ela tivesse o que dizer, o que diria? É difícil acreditar que se ouviria algo grandioso mesmo depois de tudo ter acontecido. Ela acreditava no que existia e rezava mecanicamente sem Deus por não saber quem Ele era, pois como aduz Montenegro “nessas condições, a experiência de Deus constitui por igual um processo de libertação, absolutamente autônomo, retomando, em dimensão mais universal e profunda, a experiência da vida e a experiência do Ser” (Montenegro, 2001, p. 33). Somente tinha em si a ideia de uma divindade, o que aprendeu com sua tia, e quanto ao Ser, tinha uma ideia por somente ir vivendo. No dia que experimentou uma inesperada felicidade, foi quando viu um arco-íris, sentiu êxtase. Gostava de ouvir a Rádio Relógio, e acreditava um dia precisar dos ensinamentos escutados nela. Parecia que sua vida era uma longa meditação sobre o nada, e não tendo os outros para crer em si mesma, perder-se-ia em seus sucessivos redondos vácuos.

Sempre precisou estar ligada ao mundo através de alguém. Perdeu os pais, a tia, foi trocada pelo namorado, traída pela colega de trabalho, humilhada por todos, enganada pela cartomante, e quando achou que finalmente ia viver, morreu. Afinal, quem foi Macabéa? Uma miserável. Todas as pessoas que passaram pela sua vida poderiam ter feito algo por ela, mas o que fariam? Ela exerce sobre todos uma intensa fascinação, assim como fascina a seu criador em primeiro lugar. Sua simplicidade encanta, é verdadeira, e era daquele jeito porque era daquele jeito e era feliz porque ser

feliz era o que importava para ela por achar que todas as pessoas deveriam ser felizes. Foi feliz enquanto não teve consciência da sua miserabilidade, era mais fácil para ela se acomodar no que acreditava ser o certo do que ousar algo novo. E não ousava por não sentir necessidade, era feliz porque tinha de ser feliz. Apesar de tudo, foi amada por seu criador que não quis mudar seu destino. Era ela café frio, o que almejaria? Tinha um sonho, ser artista de cinema, assim quem sabe poderia ter o seu momento de glória. Quando foi aconselhada pela colega de trabalho, procurar a cartomante foi uma atitude desesperada, queria saber seu destino, e pasmem, “o Destino a havia escolhido um beco no escuro e uma sarjeta” (Lispector, 1999, p. 81). Finalmente teve seu momento de glória, a hora da estrela foi a sua morte, pois no dia em que viveu, morreu.

Ela caiu na realidade da sua vida quando madama Carlota viu nas cartas o que é obvio para todos, menos para ela mesma, que sua vida era horrível, miserável, empalideceu, pois jamais ouvira que sua vida era ruim, estava muito bem vivendo na sua ignorância, era melhor nada saber. Mas sua esperança veio juntamente com as mentiras que madama Carlota lhe previu. É mais fácil acreditar que a cartomante teve muita pena de Macabéia e que por isso resolvera mentir sobre o seu destino, do que acreditar que realmente tudo aquilo que ela falou era verdade e que ia acontecer, mas foi exatamente nesse momento que o narrador da história conseguiu trazer um pouco de esperança para o leitor, enfim uma luz no fim do túnel, naquele momento havia esperança para Macabéia.

Ela mesma, encantada com as previsões e enquanto morria mesmo sem saber que morria naquele exato momento - “hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci” (Lispector, 1999, p. 80) - embebedou-se de uma felicidade sem igual, que jamais tivera, sentiu que finalmente sua vida estava melhorando – mesmo achando que nada tinha a melhorar, pois imersa na sua ignorância, sentia-se satisfeita com o que tinha –, “Madama Carlota havia acertado tudo. Macabéia estava espantada. Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, como eu disse, até então se julgava feliz” (Lispector, 1999, p. 79).

5 Considerações finais

Após narrar o fim trágico de sua criatura, Rodrigo S. M. nos indaga: “O final foi bastante grandiloquente para a vossa necessidade?” (Lispector, 1999, p. 86). Confessa-se que desde o início não se criam expectativas para o final dessa história, e quando não há a criação de expectativas sempre há a surpresa. Macabéa surpreende, e seu fim superou a expectativa que não se cria. Fica aqui como legado a sua eterna reflexão. Ela se perdia na multidão, sendo ela também a própria multidão que se espalha por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões. Como afirma Dalcastagnè, “Rodrigo não compreende sua personagem — o mesmo pode ser dito de Clarice Lispector —, mas é na manifestação do seu desconhecimento (ressaltado pela polêmica velada) que entendemos melhor nossa própria incompreensão” (Dalcastagnè, 2007). É ela Rodrigo S. M., seus pais, sua tia, é Olímpico e Glória, seu Raimundo, a cartomante, é Alagoas, o Rio, é Clarice, são os homens, é ela um pouco de cada ser humano.

Como afirma Benedito Nunes em seu texto *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*, “o narrador da *A hora da Estrela* é Clarice Lispector, e Clarice Lispector é Macabéa tanto quando Flaubert foi Madame Bovary” (Nunes, 1989, p.169), e completando com o que diz Wellek e Warren a respeito dos personagens e os “eus” interiores “somente aqueles ‘eus’ que interiormente forem reconhecidos como matéria potencial poderão tornar-se ‘personagens vivas’, não ‘chatas’ mas ‘redondas’” (Wellek; Warren, 1955, p. 111). Sua história rica e miserável é o fato sonoro que sussurra, o sussurro que impressiona. Quanto ao futuro: é assim porque é assim. Quanto a Rodrigo S. M., Macabéa, como a massa do povo brasileiro, é tudo o que ele é no seu “desconhecido” ser, o que ele teme ser, é o resultado de sua visão gradual quando descobriu os porquês. Como disse: “ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela” (Lispector, 1999, p. 17). E para acrescentar, como disse o próprio narrador de *A hora da estrela*, Rodrigo S. M., ou Clarice,

se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo, porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial (Lispector, 1999, p. 12).

E qual é a verdade para toda essa história? A verdade de Clarice, de Rodrigo S. M., de Macabéa, do leitor? Existe uma verdade? Qual seria a história mais verdadeira e

a mais miserável de todas elas? Enquanto houver perguntas por parte da autora, haverá também a reflexão por parte do leitor. Entretanto, “a verdade é sempre um contato interior inexplicável. A verdade é irreconhecível. Portanto não existe? Não, para os homens não existe” (Lispector, 1999, p. 80). A única verdade que se pode afirmar é a eterna reflexão a respeito do que é e o que foi Macabéa, qual o seu significado para a vida do leitor, como diz Dante Moreira Leite “Assim podemos entender a significação de diferentes perspectivas de análise. Cada uma delas pode apresentar uma contribuição para o leitor e não será demais esquematizar, aqui, as contribuições das teorias psicológicas para a compreensão do texto” (Leite, 1987, p. 117). Basta olhar ao redor, Macabéas estão presentes em todos os lugares, pois cada um deve reconhecê-la dentro de si mesmo. Tendo ela vislumbrado sua vida na hora de sua morte, logo se confirma o que é dito no início do romance, o fim justifica o começo como a morte parece dizer sobre a vida. Mas que vida? Macabéa não tinha vida, mas morreu. Tendo o fim para justificar o começo, entende-se a morte da personagem como o novo viver do leitor, que a partir desse momento passa a ter um novo olhar sobre a sua própria vida.

Como foi dito no início deste trabalho, *A hora da estrela* é o desviar do olhar da autora, da intelectualidade para a massa, para a realidade, através de um narrador-personagem homem e sua personagem principal – registrando em um pequeno livro de imenso significado suas angústias e o seu refletir em um ano em que ela estava próxima de sua morte – e para o leitor significa o desviar do olhar para si mesmo em direção ao seu próximo, ao que está ao seu redor. Há muito de Macabéa em cada um, basta estar atento para reconhecer que parte dela está presente “por isso, ‘nada humano nos é estranho’ e sentimos, embora vagamente, a possibilidade de compreender mesmo os comportamento anormais, onde vemos, em ponto grande, nossos defeitos e nossas virtudes” (Leite, 1987, p. 205). Como Clarice diz no início da obra, há sempre a falta do delicado essencial, e Macabéa oca como era, é a parte vazia que grita um silêncio puro dentro dos homens, um assovio no escuro. A morte de Macabéa significa a vida do leitor, pois no dia em que morreu, houve o despertar para a vida.

“Aí Macabéa disse uma frase que nenhum dos transeuntes entendeu. Disse bem pronunciado e claro: Quanto ao futuro” (Lispector, 1999, p. 85). Essa frase pode justificar o significado do romance que contém uma linguagem simples de se entender uma história simples, porém complexa – e que demanda uma leitura atenta, cuidadosa e minuciosa – é o pronunciar de Clarice através de Rodrigo S. M. e Macabéa despertando a reflexão íntima dentro do leitor: Quanto ao meu futuro?? “Freud dirá que a obra de

arte nos domina quando o autor consegue transmitir sua intenção ao espectador, observando que aí não existe apenas um processo intelectual e talvez só a psicanálise possa ‘decifrar’ o sentido da obra” (Leite, 1987, p. 118). Mas não é preciso ser um especialista em Freud para entender a intenção de Clarice com o seu romance esperando que uma análise psicanalítica “decifre” o seu verdadeiro significado, uma vez que já foi dito anteriormente, é uma obra simples, sem enfeites, para mentes que não são ávidas de requintes, e mesmo assim ele domina o leitor. Agora que a tarefa da autora está cumprida, porquanto nada mais pode o intelectual fazer pela massa do que falar por ela ou escrever por ela e sobre ela, é a vez do leitor pensar sobre o seu destino, sem ter de ouvir isso através das visões das cartas de uma cartomante.

“E agora – agora só me resta acender um cigarro e ir para a casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?!” (Lispector, 1999, p. 87).

REFERÊNCIAS

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Schwarcz, 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. Contas a prestar: o intelectual e a massa em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. **Cronopios**, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/qdduuJ>>. Acesso em: 8 de julho de 2015.

LEITE, Dante. **Psicologia e literatura**. São Paulo: Unesp, 1987.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MONTENEGRO, João A. **História e ontologia em a hora da estrela de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

SPINELLI, Daniela. A posição do narrador, Rodrigo S. S. em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. **FronteiraZ**, 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/5x2NDv>>. Acesso em: 8 de julho de 2015.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. Lisboa: Biblioteca Universitária, 1955.